

Fotografia

JORNAL DE



Dezembro | 2023

R\$ 20,00 | N° 15



FOTOGRAFIAS DE
LINA **FARIA**



EDITORIAL

18 de novembro de 2023, 5 horas da manhã. O dia amanhece com o silêncio da quente Curitiba, deste fim de primavera, só quebrado pelo som insistente das sabiás-laranjeiras, que estão em seus acasalamentos, acampam e começam, pelas 4 da matina. um nervoso canto, aqui num vizinho, que ainda tem frutas no quintal, no adensado Juvevê, bairro onde já morei, já mudei. já voltei e onde estou desde 2006!!! Digo isto para começar a escrita do editorial desta edição do **Jornal de Fotografia**, que sempre faço com muito prazer!

Em 2023 saiu no primeiro semestre a edição 14 com o ensaio de Daniel Caron e fizemos lançamentos em importantes eventos e locais. No Flipoços, em Poços de Caldas/MG; no Bar do Beco, Vila Madalena, São Paulo; na Portfólio Galeria, Café, Restaurante, Livraria e Escola, em Curitiba; no Instituto Internacional Juarez Machado, em Joinville; em Machadinho/RS no Machadinho Thermas Resort e Spa, durante a reunião anual do Conselho da ABRAJET/Nacional; no Festival de Fotografia Paraty em Foco, Paraty/RJ e por fim estive, em outubro, na Romaria de Canudos/BA onde levei o **JFoto 14**. Um sucesso por onde passa!!!

Em fevereiro de 2023, eu e a produtora cultural Grazi Calazans, que vem colaborando comigo nestas questões de editais, demos entrada no edital da Lei Municipal de Inventivo a Cultura de Curitiba e o **Jornal de Fotografia** ficou em segundo lugar na classificação geral em Artes Visuais e está selecionado para 6 edições que começarão a partir de março/24.

Agora estamos saindo com **JFoto 15** com uma pequena retrospectiva da fotógrafa paranaense Lina

Faria que abre, neste dezembro, uma exposição organizada pelo Museu da Imagem e do Som, com curadoria de João Urban.

Sobre Lina e seu trabalho, fala o experiente fotógrafo João Urban: *“Na fotografia de Lina o feminino flui substantiva e adjetivamente, sem necessitar de palavras de ordem radicais nem*

bandeiras panfletárias, está ali, na sua epiderme, na prata de seus filmes. A inspiração de seus ensaios vem de sua própria condição de mulher, da sua força

e da sua fragilidade. E de uma sensibilidade ímpar. Uma empatia e um glamour exuberante e espontâneo vibram em suas imagens, não importa se ela está fotografando uma polaca, uma afro descendente, uma prisioneira, uma dona de casa cubana, uma sem teto ou sem terras... antes de tudo são mulheres. O feminino vibra em seus personagens em cores ou preto e branco. Não esqueci dos homens, eles estão ali, “impactados”, pra usar essa palavra da moda, diante da “robustez” do olhar de Lina”.

Mais uma vez não posso deixar de agradecer a Izabel Portugal, amiga querida, pelo poderoso design gráfico.

Agradeço ao João Urban, pela colaboração nesta edição, a Lina Faria que cedeu as fotografias, ao Felipe Garofalo com sua resenha, nesta edição, de uma fotografia do Carlos Moreira, a Heloisa Nichele, mestra em Tecnologia e Sociedade (UTFPR), autora do livro “Elas em foco: algumas das primeiras fotojornalistas paranaenses” (Editora UFPR, 2022) pelo texto de apresentação de Lina (Pg.3) e Jussara Salazar, doutora em Comunicação e Semiótica (PUC/PR), escritora e artista visual, por ter cedido seu texto para a exposição de Lina Faria lá do MIS, para esta publicação e que, cá comigo, penso ser a Epifania do Epílogo (pg.19).

Encerro este editorial, neste 23 de novembro, já sem o canto nervoso do sabiá-laranjeira; mas com o canto do bem-te-vi, que costumo repetir desde criança: bem-te-vi!!!

Com vocês a Edição 15 do Jornal de Fotografia com Lina Faria.

Viva a FOTOGRAFIA!

Alberto Melo Viana

Primavera de 2023

EXPEDIENTE

Alberto Melo Viana

Editor

Izabel Portugal

Design Gráfico

O **Jornal de Fotografia** é uma publicação de

Alberto Melo Viana Editor - MEI

CNPJ 34.465.525/0001-14 - Machado de Assis, 47/05

Juvevê - Curitiba - Paraná - 80.030-370

betoviana51@yahoo.com.br (41) 99959-5408 (41) 3252-7592

Impresso na Maxi Gráfica Editora - Curitiba/PR



Havana | CUBA
1998

LINA FARIA, UMA TRAJETÓRIA DE INTIMIDADE ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA

Natural de Nova Esperança, município do norte do Paraná, Lina Faria (1955) morou em outras cidades do interior antes de se mudar para a capital, Curitiba, no início da década de 1970. Tão logo se acostumou com o ar da metrópole que, antes mesmo de terminar a faculdade de Comunicação Social, na Universidade Federal do Paraná, se mudou para São Paulo. A passagem, movida mais pela cara e coragem que por condições materiais de vida, foi breve, mas importante: lá realizou seus primeiros trabalhos com fotografia, a partir da aproximação com pessoas do campo na publicidade e no cinema.

Em 1978, voltou à Curitiba, sem dinheiro no bolso, mas com um singelo portfólio que lhe serviu para mostrar que tinha circulado pelo tal eixo do cânone. Na cidade, a porta de entrada foi a Zap Fotografias, um estúdio publicitário e de fotografia institucional. Foi só então que conseguiu comprar sua primeira câmera.

Com certa autonomia, se valeu da presença expressiva de sucursais de veículos nacionais na cidade para trabalhar como fotojornalista independente. O momento era de expansão dos veículos de comunicação e de valorização da fotografia como campo de trabalho e expressão. Assim, Lina contribuiu para veículos como Jornal do Brasil, O Globo, O Estado de S. Paulo, revistas Veja, Istoé e Placar.

Na década de 1980, se apresentou na Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado e foi contratada para trabalhar na equipe de fotógrafos. Com algumas resistências e constrangimentos, começou com pautas menos dinâmicas e associadas

às coberturas de eventos sociais, menos valorizadas pelo campo. Aos poucos conquistou espaço para exercer atividades executadas tal como os fotógrafos, como viagens com o governador para cobrir eventos no estado.

As viagens pelo Paraná, além do compromisso oficial, ampliaram as possibilidades de publicação e circulação em jornais da época, mas sobretudo, podem ser lidos como uma alternativa à liberdade, à autonomia e à emancipação de papéis sociais circunscritos a mulheres na época. Na possibilidade do ir e vir, do poder olhar de perto, Lina construiu ao longo dos anos seu trabalho autoral.

Em 1998, ganhou o Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia (1998), considerado uma das maiores premiações documentais na fotografia nacional, com o projeto O Lar Enquanto Prisão e a Prisão Enquanto Lar, desenvolvido em unidades penitenciárias, habitações em Havana, Cuba, e casas periféricas no Paraná. Apesar de ter trocado o interior pela metrópole ainda jovem, boa parte de seus trabalhos retornam ao interesse pela vida rural e pelas práticas de socialização muito presentes nas cidades interioranas, do avizinhamento, da convivência e proximidade a partir do espaço da casa. Seja como for, nos espaços rurais ou urbanos, é pela via da intimidade que Lina se relaciona, através da fotografia, com quem cruza seu caminho.

Heloisa Nichele

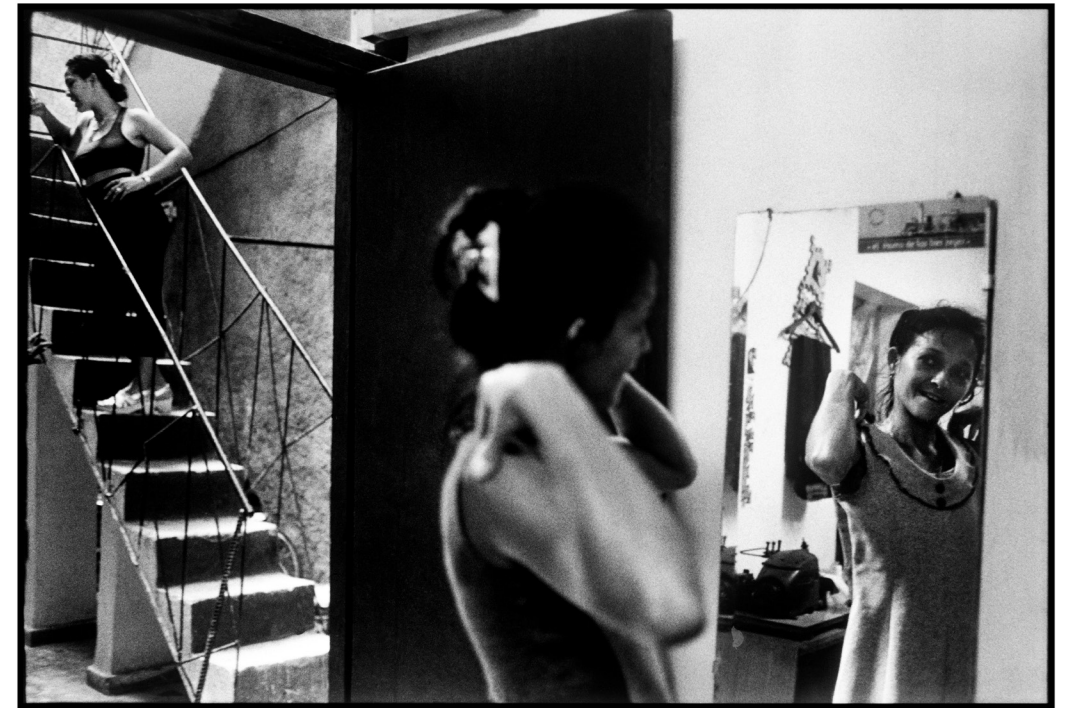
Fotógrafa, jornalista e pesquisadora sobre teoria e crítica da imagem, história da fotografia e artes visuais.

Havana | CUBA
1998



Havana | CUBA
1998

Curitiba | PR
1996



Havana | CUBA
1998

Presídio Feminino
de Piraquara
PR | 1997



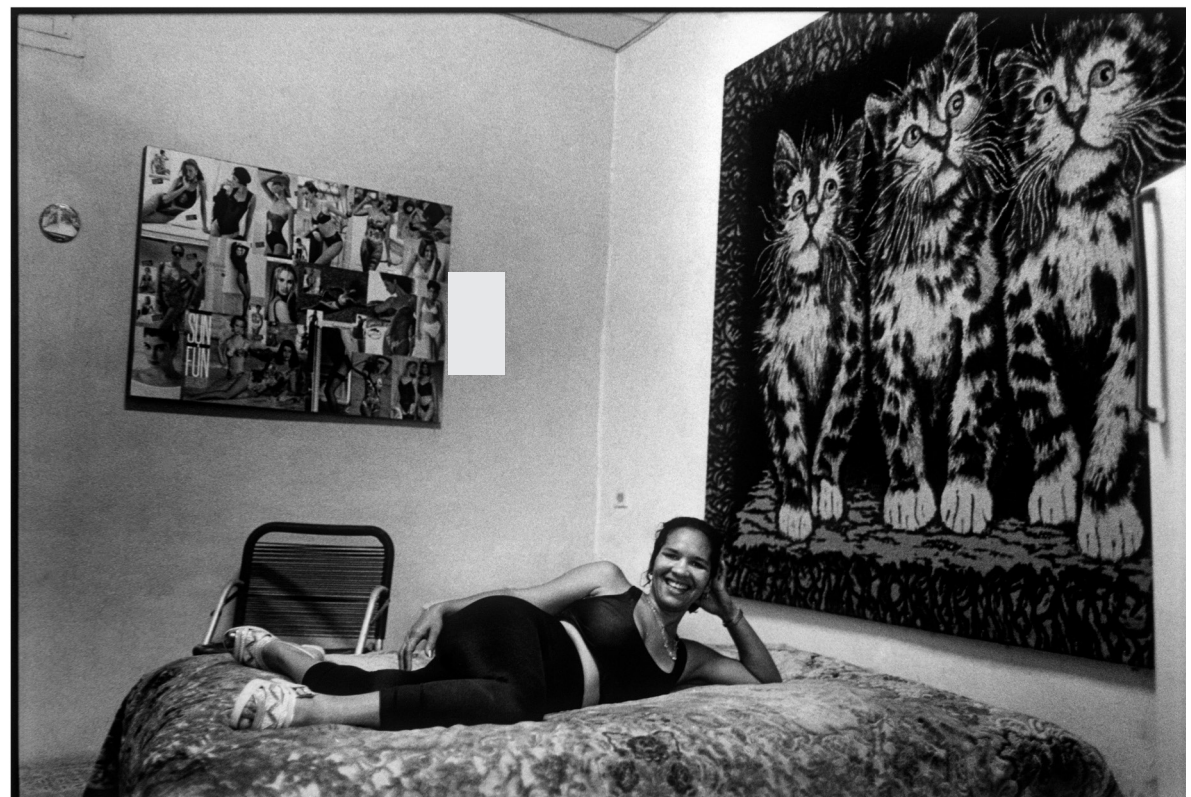
Quarto de adolescente
na periferia
*Curitiba | PR
1996*



Presídio Feminino
do Ahu
*Curitiba / PR
1997*



Havana | CUBA
1998



Havana | CUBA
1998



Apucarana | PR
1996



Curitiba | PR
1996



Havana | CUBA
1998





Havana
1998



Página ao lado:
Havana | 1998
Curitiba | 1996





Pela Reforma Agrária
Salto do Lontra, Sudoeste
do Paraná | 1985



Casa de Dona Norma
Curitiba / PR
1994



Casa de Dona Ermelinda
Umbará, Curitiba / PR
1994





Bigorrilho
Curitiba | PR
1993



Vila do Superagui
Litoral do Paraná
1988



Colônia Tomás Coelho
Araucária | PR
1984



Colônia Tomás Coelho
Araucária | PR
1984



Chico Chaveiro
Rua Saldanha Marinho
Curitiba | 1978



José Schebest
Sopros de Luz
Ahu | Curitiba | 1993

LINA FARIA: UMA FOTÓGRAFA DO MUNDO*

A fotografia e a modernidade são eventos que praticamente se confundem. E quando Walter Benjamin apresenta o século XIX como paradigma da modernidade e do capitalismo destaca principalmente a cidade e sua modernização, a cidade com as pessoas, a cultura e a arte; a rua se torna moradia para o flâneur, que, “entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes.”

Lina Faria, em sua práxis diária, pode ser considerada a mais baudelairiana flâneur. Seu olhar sempre se voltou para a cidade a partir das janelas da realidade que ela reinventa a cada caminhada pelas ruas do mundo, pelas pedras das calçadas por onde passa e observa, e “a multidão é seu universo, como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes. Sua paixão e profissão é desposar a multidão.”

E a fotografia perambulante de Lina detém-se nos pequenos fragmentos de uma grande imagem que ela foi construindo sem pressa, nos vagares de quem sabe que tudo é o vasto mundo da poesia e da imaginação, o território sem soluções aparentes, mas pleno de rostos, mãos, cariátides, casas, véus e corpos anônimos ou não. Porque fotografar para Lina Faria é habitar um cotidiano, é o exercício que seu olhar observador transforma em imagens cujos fragmentos compõem exatamente esse rosto chamado multidão.

E Mnemosine, a deusa da memória e do lembrar, habita o tempo das imagens, na medida em que as muitas narrativas do mundo vão se organizando para formar uma versão nova que rejeita o esquecimento e legitima as pequenas e grandes histórias, e Lina Faria sabe disso.

E neste conjunto que Lina expõe agora no MIS há também o olhar atento ao que se esconde atrás das paredes, nas casas, nas igrejas, nas histórias que esses espaços guardam. Segundo afirma: “como fotógrafa, tive fases que entrava na casa

das pessoas, para fotografar o interior delas. Me interessava a relação delas com seus espaços íntimos, suas histórias. Outras fases em que meu foco ia para as pessoas anônimas das ruas. Ou ainda o traçado da rua e a relação delas com o espaço urbano.”

Habitante do fugidio, guardião do que aparece e desaparece, Lina Faria, nômade, poderíamos afirmar, posiciona a câmera no ponto cego ao centro do mundo, no ângulo, nas frestas, no espaço oculto e ao mesmo tempo aberto para fixar seu olhar. O impacto sociocultural da fotografia, observando a maneira como percebemos a realidade e como nos entendemos com o universo visual que nos cerca, é o que torna e retorna sempre como lembrança tecida, cada vez que um novo olhar, que um novo ou uma nova expectadora, que um movimento sutil se repete, cada vez novamente e sempre.

Isto é o que a fotografia será a cada impermanência de corpos e arquiteturas que se aparecem e reaparecem sempre nesse nosso espelho atemporal.

Jussara Salazar

Escritora e artista visual

*Texto originalmente escrito para a apresentação da exposição de Lina, organizada pelo MIS – Museu da Imagem e do Som do Paraná e que acontece na sala de exposições do prédio da Secretaria de Estado da Cultura



ENTREVISTA

Via e-mail para João Urban

Como começou a fotografar?

A fotografia surge pra mim através dos slides que Adalice Araújo projetava nas aulas de História da Arte, quando eu tinha 17 anos, na UFPR. Não conclui o curso de jornalismo, tampouco tive acesso à câmeras fotográficas enquanto estudei, mas consegui uma certa intimidade com a arte propriamente dita, através das projeções de Adalice. Só aos vinte e poucos anos tive acesso a equipamento fotográfico, fazendo still para cinema.

Quais as tuas referências entre fotógrafo(a)s?

Bem, nunca fui uma pesquisadora contumaz. Minha escola foi a prática diária e constante, onde fui aprimorando uma técnica particular que acabou virando assinatura. Trabalhei com fotógrafos expressivos, como no caso da Zap¹, onde de certa forma convivia com o trabalho de João Urban, Nego Miranda, Márcio Santos e Dico Kremer. Havia uma grande efervescência cultural naquele estúdio e isso me influenciou.

Lembro-me das citações aos fotógrafos da



João Urban

Farm Security Administration - FSA² órgão americano que convocou fotógrafos como Dorothea Lang e Walter Evans, durante a Grande Depressão americana.

Além de fotógrafos e fotógrafas, você acha que a tua fotografia teve influências e referências na área da literatura, poesia, cinema, música? Dê exemplos:

Sim, posso dizer que sofri alguma influência da poesia de Baudelaire e sua relação com a cidade. Ou ainda de Walter Benjamin e Italo Calvino. Meu convívio com arquitetos, enquanto trabalhava no IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba), também me trouxe uma certa ilustração no trato com o urbano..

Como fotógrafa documentarista, fotógrafa de rua, fotógrafa de projetos prolongados, como você vê hoje o teu passeio pelas veredas da fotografia arte, como fotógrafa artista ou artista fotógrafa, lembrando aqui da tua série de cariátides. Como você vê o mergulho dos jovens fotógrafos e fotógrafas nessa área?

Como fotógrafa, tive fases que entrava na casa das pessoas, para fotografar o interior delas. Me interessava a relação delas com seus espaços íntimos, suas histórias. Outras fases em que meu foco ia para as pessoas anônimas das ruas. Ou ainda o traçado da rua e a relação delas com o espaço urbano. Não conseguiria datar essas fases, visto que se misturavam à minha rotina e aos humores.

O que posso dizer é que o tempo me tornou tímida para abordagens fotográficas. Então, penso que a própria violência urbana tenha afetado a fotografia contemporânea. As pessoas também andam muito ciosas de sua privacidade. Não parei para pensar em porque os jovens fotógrafos têm optado por uma fotografia mais conceitual. Mas, por mim, acho que a fotografia documental perdeu muito de sua espontaneidade pelo medo.

Diga alguma coisa sobre alguns de seus projetos, Prisões Femininas, condição da mulher, Cuba, Tomas Coelho e outros.

Pois olhando minha trajetória, posso perceber minhas fases, através dos meus projetos. Identidade e Intimidade, onde entro na casa das pessoas, na tentativa de resgatar algo de sua história pessoal, através de imagens.

Esse mote me acompanha no “Prisão Feminina, o lar enquanto prisão, a prisão enquanto lar”, onde apesar de eu ter fotografado dois presídios, meu assunto não era a condição carcerária, mas sim a relação estética das mulheres, com seus espaços impostos. Além dos presídios, fotos de mulheres da área rural, urbana e de toda sorte de mulheres que cruzaram meu caminho, em minhas pautas.

Lembro-me de ter ido à Cuba, durante a execução do projeto “Prisões...”, e ter conseguido entrar em várias residências de Havana Velha, onde pude documentar a rotina das cubanas, no interior de suas moradias.

Também, fotografando as Vilas Rurais – projeto do governo estadual que assentava pessoas na área rural- pude fotografar senhoras que iam com seus familiares morar em pequenos espaços de terra, com uma pequena edificação padrão, sem divisórias internas, e era muito interessante de ver como cada uma fazia sua diagramação pessoal do espaço.

Depois veio “O olho da Rua”, um projeto de imersão, no Centro de Curitiba, fotografando a rotina da rua. A proposta era morar um ano em um apartamento no Centro de Curitiba, mas fiquei mais de 5 anos, fotografando e postando no Facebook.

O que existe em comum entre eles, na sua opinião?

Bem, o que existe em comum entre eles é o embate entre o ser humano e seu entorno. A relação homem/espaço, quer em sua presença física ou em sua arquitetura.

Frequentemente é decretada a morte da fotografia documentária. Você confirma essa ideia?

Não, não acredito na morte da fotografia documental. Só penso que a violência urbana colabora para com isso. As pessoas andam cada vez mais intimistas, fugindo às exposições. É o que me parece.

O que você tem a dizer sobre a verdade e a fotografia?

Que a fotografia é a verdade que o fotógrafo quer imprimir ao seu público. É a verdade do fotógrafo.

Qual a pergunta que você gostaria que fosse feita? Pode fazer e responder.

Pois gostaria de saber como se vive da fotografia, em dias de mercado tão restrito?

¹. ZAP foi um estúdio de fotografia, em Curitiba, liderado inicialmente, por Dico Kremer e Marcio Santos e que depois incorporou os fotógrafos Nego Miranda e João Urban.

². A Farm Security Administration – FAS foi um órgão criado nos Estados Unidos, em 1937, pelo governo do presidente Frank Delano Roosevelt, durante a Grande Depressão e ficou conhecida pelo trabalho documental desenvolvido no Departamento Histórico, pelo editor de fotografias Roy Stryker. Entre os fotógrafo/as mais conhecidos que trabalharam no projeto estão Walker Evans, Dorothea Lange. Gordon Parks e Russel Lee.



Praça Ramos,
São Paulo, 1971.
© Carlos Moreira.

FELIPE GAROFALO RESENHA FOTOGRAFIA DE CARLOS MOREIRA*

Era 1971 e três crianças descem as escadarias da Praça Ramos de Azevedo, ao lado do Teatro Municipal de São Paulo, que dão acesso ao Vale do Anhangabaú. Duas delas, no meio da escadaria, ocupadas na tarefa de descer os degraus, parecem vestir a mesma camisa branca, sugerindo um uniforme escolar. Enquanto isso, alguns passos à frente, a primeira, sem uniforme e mais velha, assume uma postura de líder do trio. Atrás, no começo da escadaria, dois homens no mesmo movimento das crianças, conversam distraídos. Não sabemos se são seus pais, ou se há qualquer relação entre eles.

Outras duas figuras, monumentais, em bronze, preenchem o quadro. Elas fazem parte do conjunto escultórico do arquiteto italiano Luiz Brizzolara, intitulada Fonte dos Desejos - Glória (em alusão a fonte dos desejos da cidade

de Roma), uma homenagem da comunidade italiana ao Centenário da Independência do Brasil, inaugurada em 1922.

A primeira, e mais proeminente, é uma figura masculina arqueada sobre o corrimão da escadaria. No enquadramento de Carlos Moreira é possível ler, entre as pernas da figura, o sufixo DOR, acrescentando uma camada a mais de sofrimento à pose retorcida de aspecto agonizante, e dando uma pista de sua identidade.

A estátua do Condor, que àquele tempo ostentava uma placa de bronze com seu título, é inspirada no personagem principal da ópera homônima, escrita por Carlos Gomes, que também está presente no conjunto escultórico, mas fora do quadro do fotógrafo.

Na ópera, Condor, um misterioso forasteiro e líder rebelde, com ascendência nobre, se apai-

xona pela rainha de Samarcanda, Odalea. A rainha, enfrentando os costumes do reino, e o desgosto da corte, corresponde seu amor. No último ato, quando a população enfurecida invade o palácio, Condor se suicida para salvar Odalea¹. A figura de bronze retorcida em agonia tem, aos seus pés, uma adaga.

Há um mito popular, sem origem conhecida, de que tocar o dedo médio da mão esquerda da escultura traz boa sorte², mas as personagens parecem alheias à credence. Assim como nós, não observam a mão esquerda de Condor.

A história da Praça Ramos de Azevedo acompanha a história do século XX do centro de São Paulo. A Esplanada do Teatro, e o conjunto arquitetônico do entorno, fizeram parte de um desejo de modernização do centro e de ligação da cidade. Desejo que se sobrepôs ao morro do chá e aos cortiços locais, criando um espaço público para a aristocracia paulistana.

Quando capta a cena, não é mais a aristocracia que desce as escadas. A praça é usada por uma certa classe média e trabalhadora do centro de São Paulo. As crianças são brancas, estão bem vestidas, limpas e calçadas. As estátuas ainda ostentam seus nomes em bronze, e se observa pouco lixo no chão e na escadaria.

Fosse disparada cerca de 30 anos depois, talvez a fotografia mostrasse que no início do século XXI quem ocupava a praça eram turmas de meninos negros, muitas vezes fazendo uso de entorpecentes, predominantemente cola, descalças e sem uniforme escolar, perambulando pelo centro, entre o delito e a infância.

De volta a 1971, é possível perceber que a maior parte do quadro está na sombra, com uma luz difusa que toma conta de todo o ambiente. No entanto, a segunda figura de bronze, menos nítida e levemente prostrada, tem a luz do sol projetada em suas costas, assim como se observa no alto da escadaria, sobre os degraus e sobre os homens que iniciam a descida. Uma evidência de que, naquele dia, Carlos Moreira flanava pelo Vale do Anhangabaú ao final da tarde.

O movimento, em diagonal, das linhas da imagem, cruzando a luz do sol que timidamente se projeta em direção oposta, aponta para menina em primeiro plano. Somos compelidos a observar seu semblante. Enquanto deixa de tocar o último degrau da escadaria, a menina olha para sua direita, concentrada, observando o Vale, testemunhando uma cena que não se revela na fotografia.

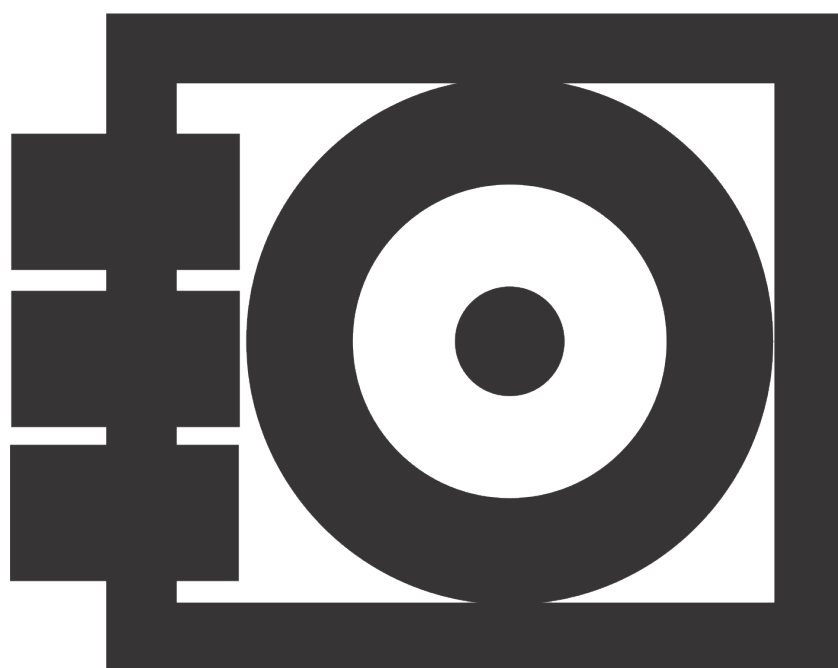


***Carlos Antônio Moreira** (São Paulo, 1936 - 2020) se formou em economia, mas nunca exerceu a profissão, optando em 1964 pela fotografia, mesmo ano de sua graduação. Fez parte do Foto Cine Clube Bandeirante e participou do grupo Novo Ângulo. Foi professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e criou (em parceria com Regina Martins) a Escola de Fotografia M2 Studio em 1990. Discreto, fotografou a cidade de São Paulo por mais de 40 anos, retornando incansavelmente aos seus locais de interesse para capturar a vida cotidiana paulistana e o homem comum. Nas palavras de Rosely Nakagawa, *“À cidade de São Paulo, sua personagem preferida, se dedica com paixão, admirando suas curvas em sombras e recantos exclusivos, escondidos”*³.

¹ VIRMOND, Marcos da Cunha Lopes. Construindo a Opera Condor: o pensamento composicional de Antonio Carlos Gomes. 2007. 332p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/285002>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

² CONDOR e a lenda. São Paulo: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 1 ago. 2008. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=297843>. Acesso em: 30 jul. 2020.

³ NAKAGAWA, Rosely (org.). CARLOS MOREIRA - SÃO PAULO. 1. ed. São Paulo: Edições Sesc São Paulo e Editora Tempo d'Imagem, 2014. 204 p. ISBN 978-85-7995-084-1.



FotoJORNAL DE**grafia**